

PANORAMA

Bahia Artes Gráficas — Nº 1
9 de Setembro de 1983 — Cr\$800,00

DE FEIRA DE SANTANA



*Falcão e os velhos tempos.
Uma ponte para o turismo.
Os cavalos invadem a exposição.
A memória política de Feira:
Fróes da Mota.
O futebol e Mário Porto.*

*A mulher
Ada Bahia*

A década de Ralipiu

1973. Câmera na mão e idéia na cabeça, era a palavra de ordem de Glau-ber Rocha que ecoou nessa terra árida, onde poucos tentam semear um pouco de cultura. Com uma câmera empres-tada, Nailson Chaves flagrou aspectos da "Levagem da Lenha". Descoberto o filme, por Dimas Oliveira, que fez a montagem, significou a primeira experiência em Super 8 que foi mostrada ao público, nesta cidade. Aliás, Juracy Dórea e Everaldo Cerqueira fizeram "Monte Santos de Todos os Santos", já superada bitola de 8 mm.

A partir daí passou-se a exercitar o filme Super 8. Com a mesma câmera usada por Nailson, Dimas realizou "O Vampiro Ralipiu", que fez crescer o interesse de artistas feirenses pela movimentação. "Um filme despretensioso, tecnicamente mal feito, mas que, como experiência e como marco, significa muito", segundo o autor. Em seguida, Juracy e Everaldo incursionaram pela bitola fazendo "Tapera", um filme elegia, com reminiscência de velhos solares perdidos no tempo. Tanto "O Vampiro Ralipiu" como "Tapera" participaram da III Jornada Brasileira de Curta Metragem, em Salvador, com "a única pretensão de mostrar que em Feira de Santana, mesmo primariamente, vem sendo desenvolvido um trabalho em termos de experiência cinematográfica, voltado para as possibilidades que o Super 8 oferece", segundo Dimas Oliveira.

As tentativas não pararam aí e sempre com o incentivo e a animação deste homem de cinema, em luta infatil, pautada numa preocupação de formar uma mentalidade cinematográfica consistente nas próprias pessoas em condições de desenvolver um trabalho de maior alcance. Apareceram nomes como os de Antônio Carlos Carvalho,

velhas matinês e a certeza de ter nascido antes "Cine Iris", Iderval Miranda.

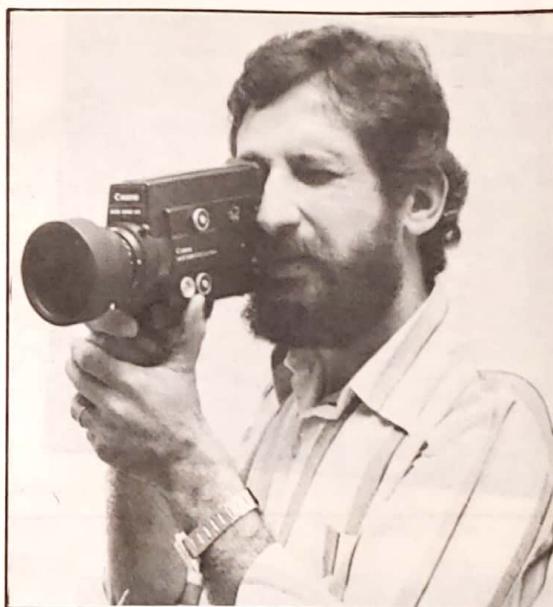
mados sem nenhuma coordenação". Por causa de críticas como essa, Dimas polemizava também o movimento dos muitos pretensos fazedores de cinema que gastavam filme virgem e nem sempre mostravam o resultado, nem mes-mo à equipe.

Para ele próprio, sua melhor incursão foi com "Corpo a Corpo", que tratava do "estudo da problemática de identificação entre um triângulo inusitado". O filme realmente reúne momentos de inegável beleza plástica, segundo comentário de Juracy Dórea.

O certo é que toda a movimentação e animação cultural despertada com o cinema Super 8, com experiências feitas com honestidade e dentro de um aspecto de pioneirismo, envolvendo defeitos e virtudes, foi liberada por essa figura, sem dúvida importante dentro das artes de Feira de Santana, ativando

artistas e público a trocarem informações em referência a linguagem do Super 8 e sua tendência de conquista de espaços alternativos. Seus filmes e mais os de outros cineastas circularam aqui e aliheus por escolas, bairros, entidades, enfim onde houvesse uma tela ou parede branca para as imagens serem projetadas.

No pioneirismo, na vivência, na boa vontade, na crítica, no debate, na informação, na facilidade de polemizar — que o digam Anchieta Nery, Dival Pi-tombo, Antônio Carlos Carvalho, Haroldo Cardoso e se pudesse, o falecido Edval Souza. Nisso tudo é que está o valor de Dimas Oliveira, que sempre procurou desenvolver um trabalho voltado para os interesses culturais — não só cinematográficos — de Feira de Santana. Como disse Cezar Ubaldo, ele é "não apenas um cineasta comum, mas um homem que vem dedicando a sua vida pelo desenvolvimento artístico de sua terra".



Antes mesmo de começar a fazer cinema, ele desenvolveu um trabalho teatral de importância, como ator, diretor, cenarista. Ele esteve presente em espetáculos como "Cleópata" e "Ezuma", ambos de Antônio Miranda, que inauguraram e fecharam, respectivamente, o Teatro Margarida Ribeiro. Deve ser registrado que foi a partir de seu trabalho nesses dois espetáculos que surgiu o estreitamento personagem de seu primeiro filme: o vampiro. Para ele: "todos nós somos vampiros. O vampirismo é um caminho estético". "O Vampiro Ralipiu", para surpresa até mesmo do autor, constituiu-se um marco na história do cinema feirense. E até mesmo seu apelido e ainda a denominação da produtora de seus filmes. O que é Ralipiu? Um enigma com muitas definições?

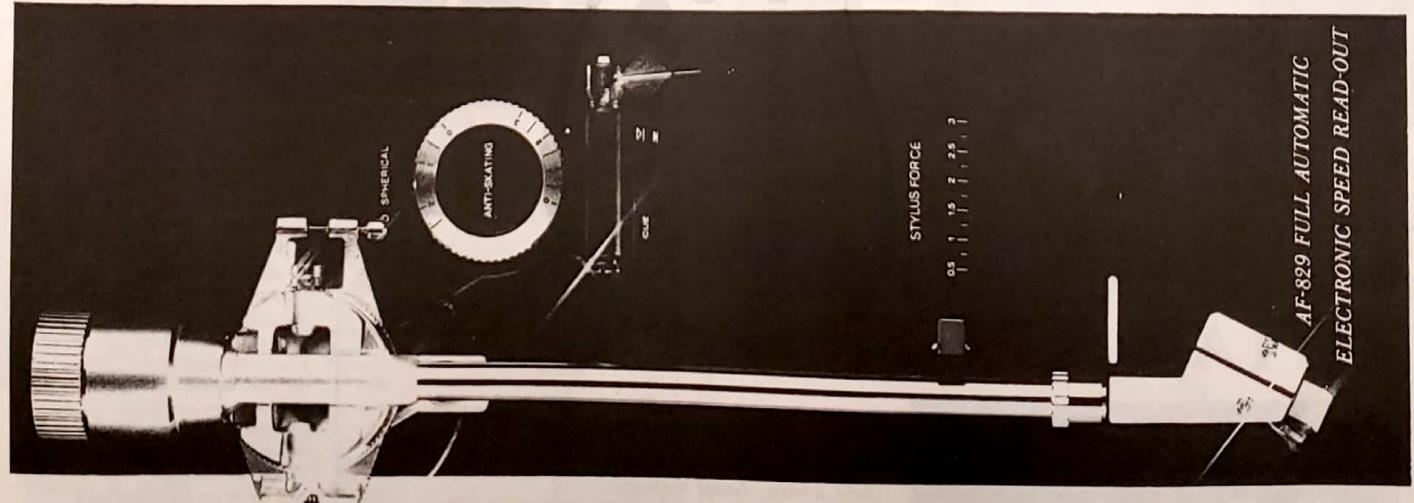
Presente em quase toda as fichas

técnicas dos filmes realizados aqui durante o movimento, também era ele que divulgava e quem projetava a maioria dos filmes. Atividade que ainda desenvolveu quando criou o Clube de Cinema de Feira de Santana, em 1974, mas logo extinto. Também dos outros movimentos que sempre alentam por aí, como na Universidade. Gracias ao seu empenho de batalhar pelo cinema, a cidade nos últimos tempos assistiu mostras como "A Fase Crítica do Cinema Alemão", "Cinema Americano", "Três Filmes de Olney", "Círculo de José Umberto", "Semana de Filmes Franceses", entre outros programas de Cinema Extra.

Sua última realização em Super 8, hoje uma bitola superada pelo videocassete, foi "Palhaços", em 1976. Um filme cuja proposta foi prejudicada pelo acabamento. Depois, ele foi assistente de José Umberto nos filmes em 35mm "Sei Tão" e "Contos Flutuantes".

Sem espaço, Dimas não tem como expressar suas opiniões sempre consequentes e cênicas sobre o que acontece na cidade, no plano cultural e artístico. A imprensa local está "mal falada e mal escrita", segundo ele, que está prometendo para qualquer momento *De Mais*, um jornal/revista/boletim/pasquim, para polemizar as coisas da cintzenta cidade comercial, dentro de sua filosofia que só um verdadeiro artista pode conceber.

Thomas Rabelo



VMA/Studio Visual

O SONHO NÃO ACABOU!

Quando você entra numa sala de som da Universal Móveis/Marrocos, a primeira impressão que você tem é que está sonhando.

São equipamentos de som dos mais variados modelos e marcas. O atendimento é excelente e a equipe de profissionais especializada para melhor orientar sua escolha.

No final, você sai com o som que deseja e com a certeza do melhor preço da praça. Salas de som da Universal/Marrocos O sonho começa aqui.

UNIVERSAL MÓVEIS/MARROcos

Feira/Santo Amaro e Alagoinhas.

Copa Sucomel: apoio decisivo ao tênis.

Até bem pouco tempo atrás o tênis não era muito conhecido nos meios esportivos de Feira de Santana. Hoje ele ainda não ganhou muita notoriedade, porém é evidente a sua ascensão, cada vez mais atraindo adeptos, que estão deixando de vê no futebol, vôlei, etc., o seu esporte favorito, optando pelo esporte de John MacEnroe.

O tênis é considerado um esporte de elite dada ao alto preço do equipamento necessário para a sua prática, e sofrendo este tipo de influência, além da falta de uma maior divulgação e mesmo incentivo, é que ele era bem pouco conhecido em Feira. Embora exista um clube que pelo menos tem em seu nome o tênis — o Feira Tênis Clube — ele ali não ganhou muita atenção, a não ser a partir do ano passado, quando a direção remodelou completamente sua quadra, investindo bastante no setor. Quanto ao Clube de Campo Cajueiro, os tenistas da cidade estão se queixando de que a sua quadra vem deixando muito a desejar.

A ascensão do tênis ficou evidente este ano com a realização de dois torneios — um no Tênis e outro no Cajueiro — e Início, agora no dia 11, da II Copa Sucomel de Tênis, que deverá ter duração de mais ou menos 45 dias, com-

participante. Ele lembrou ainda gastos com bolas, salientando que geralmente usa-se uma lata de bola por partida, custando em torno de Cr\$9.000, além de outras despesas decorrentes da organização da Copa.

POUCAS QUADRAS

Calcula-se que atualmente Feira já tem cerca de 150 tenistas, mas a cidade só possui duas quadras — uma no Tênis e outra no Cajueiro —, o que dá uma média de 75 tenistas para cada uma, e isto está tornando impraticável a participação de todos. "Sempre que vamos treinar numa das quadras, ela está ocupada, pois todos estão se preocupando em jogar, e o jeito é esperar uma vaga, quando aparece", queixou-se Dilson, lembrando que os clubes da cidade deveriam investir mais no tênis, pois considera que eles teriam o retorno necessário.

Por outro lado, enquanto os clubes não se movimentam, Dilson afirma que já existem vários tenistas feirenses interessados em fundar um clube inteiramente de tênis, estando sendo realizados estudos para isso.

A realização da primeira Copa Sucomel de



Na 2ª Copa espera-se o dobro de participantes da 1ª.

formar informações de seus organizadores.

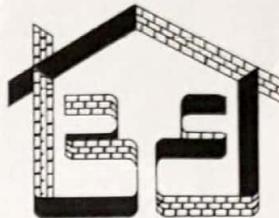
Bastante otimista, Dilson Portugal, um dos organizadores, faz previsão de que este ano a Copa dobrará o número de participantes, que foi de 30 na primeira vez, devendo até ultrapassar os 60 agora. Cresceu tanto a participação neste torneio, que a Copa, que era dividida em apenas duas classes — 1ª e 2ª — passará a ter cinco — três para adulto, uma infantil e outra feminino. E o sonho de ver o tênis tomando novos rumos em Feira começa a crescer, tanto que é pensamento dos organizadores da II Copa

Sucomel de Tênis realizar a terceira, em 1984, no âmbito estadual, tirando o regionalismo, pois só participam do evento tenistas feirenses, e convidar tenistas de outras cidades e até mesmo de outros Estados.

Para Dilson, o objetivo da Sucomel, promotora da Copa, não é somente divulgar a empresa, mas também dar decisivo apoio ao esporte amador, em particular ao tênis. Para tanto, a expectativa é de que serão gastos cerca de Cr\$2 milhões para a realização. Será cobrada a taxa variável entre Cr\$1.000 e Cr\$3.000, que servirá apenas para o pagamento da camisa de cada

Tênis, no ano passado, serviu para ser formado o primeiro ranking feirense, encabeçado por Raimundo Silva, instrutor do Clube de Campo Cajueiro. Este ano, nova lista apontando as colocações será feita logo após a Copa Sucomel, obedecendo a classificação do torneio. Atualmente, o ranking feirense está assim, seguindo a ordem: 1ª classe — Raimundo Silva, Reinaldo Portugal, Alcides Neto, Hélder Silva, Marcus Nastri, João Astério, Sérgio Rios, Nicolas Irensen, Reinaldo Bacelar, Guionilson Estrela, Sérgio Amaral e Rosevaldo Silva. 2ª classe — Juvenal de Andrade, José Henrique Dalstro, José Sisnando, Valéria Cerqueira, Joelson Sena, Élio de Oliveira, Frank Brito Cerqueira, Henrique Cerqueira, Fernando Mattozinho, Maria Huda Gusmão e Artur Américo Neto. Os vencedores da I Copa Sucomel foram estes: 1ª classe — campeão, Luis Carlos Mota; vice, Reinaldo Portugal. 2ª classe — Sérgio Amaral, campeão; e Rosevaldo Silva, vice.

Este ano, a II Copa Sucomel de Tênis será iniciada no dia 11, com o Torneio Início. No dia 17 começarão os jogos, sendo disputados nas quadras do Tênis e do Cajueiro, às quartas, quintas, sábados e domingos.



**BRASIL EMPREENDIMENTOS
IMOBILIÁRIOS**

CRECI P.J. 286

AQUI SEU DINHEIRO VALE MAIS

Loteamentos
Aluguéis
Compra e venda
de
terrenos
casas
chácaras
em geral

R. COMENDADOR TARGINO, 17 - SALAS 1 E 2

FONE 221-6494

FEIRA DE SANTANA - BAHIA



**CASA MARQUES
ESTIVAS LTDA.**

**ESTIVAS E CEREAIS EM
GROSSO E VAREJO**

MATRIZ:

RUA MARECHAL DEODORO, 157 - TEL. 221-0894

FILIAL:

RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 186 - TEL. 221-5845

FEIRA DE SANTANA - BAHIA

PANORAMA

DE FEIRA DE SANTANA

Bahia Artes Gráficas - Nº 2
19 de Outubro de 1983 - Cr\$800,00

EDVAN CAMILO DA SILVA
OAB-124-A - C.R. 374/83

SENAI

**PROFISSIONAIS
SEM EMPREGO**

**A ARTE DE
JURACI DÓREA**

**FUTEBOL: O DRIBLE
DAS MULHERES.**

JOSELITO AMORIM

**A REVOLUÇÃO O
FEZ PREFEITO**

**TRAÇAS DESTROEM
DOCUMENTOS
HISTÓRICOS**



Luiz Almeida e Álvaro Cunha.

Pela primeira vez em sua história, o Cedin tem como diretor-geral um Administrador de Empresas. Luiz Almeida foi empossado na última quarta-feira, pelo secretário da Indústria e Comércio, Álvaro Cunha. O Cedin teve três outros diretores, que foram João Durval Carneiro e os advogados Jairo Carneiro e Antônio Navarro Silva.

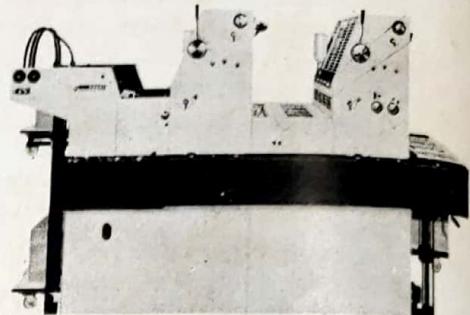


A criançada na manhã de lazer.

João Carlos Abreu é o novo gerente do Banco do Brasil, em substituição a Osmany Prates. Abreu vem de Itápolis, Estado de São Paulo, porém já exerceu a função de gerente do BB na Bahia, inclusive bem perto de Feira: Riachão do Jacuípe. Antes, ele instalou a agência de Euclides da Cunha.

O mundo político feirense esteve largamente reunido em dois acontecimentos sociais, nesta semana que se finds. No último sábado, em Salvador, Dorival Almeida Machado, filho do presidente da Câmara, Dival Figueiredo Machado, casou-se com Almina Dias Portela. Terça-feira, o vice-prefeito José Ferreira Pinto fez um grande caruru para comemorar os 25 anos de casado, depois de rezada uma missa.

Promoção de caráter filantrópico aconteceu domingo último na rua Castro Alves. Foi a manhã de lazer promovida pelo Rotary Clube Feira-Leste, Casa da Amizade e Rádio Sociedade de Feira. Toda a renda de uma barraca armada no local será revertida em benefício do Natal da criança pobre.



A segunda edição da PANORAMA chega às ruas com um formato menor, atendendo a uma reivindicação unânime da comunidade feirense. O formato da primeira edição atendia certas questões técnicas naturalmente enfrentadas por quem está chegando agora, mas vale muito mais o esforço de satisfazer a vontade do leitor.

Para aprimorar mais ainda a qualidade gráfica da revista, além de tornar a sua impressão mais rápida, a Bahia Artes Gráficas acaba de receber da Tchecoslováquia uma impressora ADAST DOMINANT 524, capaz de imprimir duas cores ou frente e verso, simultaneamente, numa velocidade de até 10 mil impressos por hora. Essa é a primeira ADAST DOMINANT 524 a ser instalada no Norte e Nordeste do país.



Mais uma vez, Feira de Santana foi palco de uma exposição filatélica, paralelamente ao lançamento da série de selos *Cactáceos*, numa promoção da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e Prefeitura Municipal. Aconteceu no dia 21 de setembro, com a presença do diretor regional da EBCT, Artur Napoleão de Carneiro Rego, e do prefeito José Falcão da Silva.



Orlando Santiago e o governador.

Nos últimos 15 dias grande movimentação do governador João Durval Carneiro em Feira e Santo Estêvão. Aqui, ele comemorou os primeiros 180 dias de governo, autorizando uma série de obras para o município. No dia 21, o governador foi a Santo Estêvão, onde, ao lado do prefeito Orlando Santiago, fez várias inaugurações.

PANORAMA

Propriedade da Bahia Artes Gráficas Ltda.
Rua Santos Dumont, 93 - Telefone: 221-7777
Feira de Santana - Ba. - Circulação quinzenal.

Diretor: Antônio Gonçalves da Silva
Editor: Edson Felloni Borges
Redação: Jânia Rêgo e Marcílio Costa
Fotografia: Reginaldo Pereira
Diagramação: Elbas Ferreira

Será aplicada no Centro Educacional Lions-Itapororocas toda a renda da barraca que o Lions Clube Feira-Itapororocas armou no Parque João Martins da Silva, durante a IX Exposição, o que irá beneficiar cerca de 500 crianças. O sucesso conseguido com a barraca, que vendeu bebidas e comidas, está sendo creditado ao dinamismo de Jorge Valter, presidente do clube.



A criançada na manhã de lazer.

O DIA DA CRIANÇA

O grande poeta Carlos Drumond de Andrade, em crônica que publicou no Dia dos Pais, fez, muito a seu estilo, uma sutil e deliciosa crítica à enxurrada de dias criados para comemoração dos mais variados tipos, aguçando a sensibilidade do leitor para a inocuidade dos mesmos. Claro que, pelo que se pode depreender, o Poeta não quer ou não proclama a extinção de todos eles, mas apenas nos fez pensar que, criados os dias comemorativos, eles atuam como desembocadouros de consciências pesadas pelo esquecimento a que relegamos aqueles que homenageamos nos dias restantes do ano.

Nesta linha de raciocínio deve ter se pautado a ONU para a criação dos chamados "Anos Internacionais",

uma tentativa de preocupar e fazer agir os povos do mundo em busca de soluções para seus próprios problemas.

Agora, que entramos no mês de outubro, as comemorações e aparentes preocupações voltam-se para a criança, é que vamos nos lembrar que, apesar do falatório, apesar do "Ano Internacional da Criança", apesar de tantas e quantas iniciativas - demagógicas ou não - feitas em prol da criança, a situação não mudou muito. E isso nos força a meditar sobre as formas de encarar o problema, pois muitas vezes o tema criança é visto de forma unilateral, sem avaliarmos as variantes que agravam as condições precárias de grande parte do nosso contingente infantil. Porque, como minorar sofrimen-

tos infantis sem ir em busca de soluções para o problema da carência da sua família? A educação, a moradia, a alimentação, o bem-estar, são direitos da pessoa humana, e quando tais direitos transmudam-se, por força das instituições e do Poder, em concessões, como se esperar a formação e evolução de uma família sã? Ainda mais quando tais direitos são filantropicamente ou paternalisticamente ofertados apenas às crianças, e por um curto espaço do seu tempo.

Que pelo menos, durante este mês de outubro, pensemos acerca disso, e acerca das nossas possibilidades de atuar no sentido de mudanças.

NESTA EDIÇÃO



6 DOCUMENTO

Ba parte da história de Feira está sendo consumida pelas traças. E, pelas traças, mesmo. Documentos valiosíssimos, principalmente jornais antigos, estão sendo destruídos.



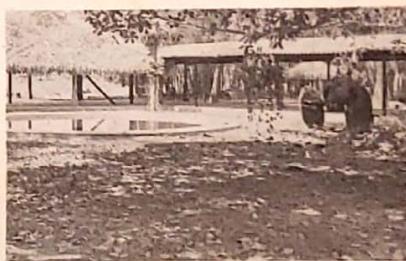
25 CLUBES

O Feira Tênis Clube está muito bem financeiramente.



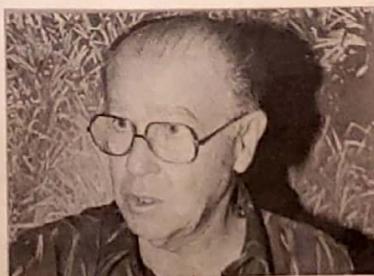
CAPA

A primeira-dama do Estado, Yeda Barradas Carneiro. Num bate-papo informal, ela fala sobre Yeda dona-de-casa e política.



12 CULTURA

Artistas feirenses falam sobre a transformação do Carro de Boi no Centro Cultural.



19 POLÍTICA

O professor Joselito Amorim, eleito prefeito de Feira quando Francisco Pinto foi deposto pela Revolução, conta episódios interessantes de sua vida como político e professor do Colégio Santanópolis, entre eles a própria intervenção na Prefeitura, o quebra-quebra na Câmara de Vereadores e seu relacionamento com alunos que tornaram-se pessoas ilustres.



32 ESPORTE

As mulheres tomam conta do futebol. O Flamengo de Feira sagrou-se vice-campeão no primeiro campeonato estadual da modalidade e Dalvinha, a ponta dribladora, é a grande estrela.



32 ESPORTE

As mulheres tomam conta do futebol. O Flamengo de Feira sagrou-se vice-campeão no primeiro campeonato estadual da modalidade e Dalvinha, a ponta dribladora, é a grande estrela.

A VIDA É UMA GINÁSTICA

Faça ginástica para viver melhor

- GINÁSTICA RÍTMICA E ESTÉTICA
- JAZZ
- SAÚNA SECA E À VAPOR
- FORNO BIER
- MASSAGEM
- SALA DE REPOUSO
- MUSCULAÇÃO
- REeducação MUSCULAR

Sete professores formados e quatro instrutores estão à disposição para atendê-lo em qualquer um desses ítems.

Na Apollo Center você não tem horário limitado e pode freqüentar todos os dias

Turmas femininas — segundas, quartas e sextas, das 6 às 12 horas, e terças e quintas, das 13:30 às 22 horas;

Turmas masculinas — segundas, quartas e sextas, das 14 às 22 horas, e terças, quintas e sábados, das 6 às 12 horas.

A Apollo Center fornece todo o material necessário para que você possa freqüentar a academia e tudo fica cuidadosamente guardado em um armário só seu.

A taxa de inscrição é única durante vários anos e você não paga o dia que não freqüentar.

INTELIGÊNCIA É CUIDAR DA SAÚDE.

CAFÉ E CREME DE MILHO BENDENGÓ.

Telefone: 221-2346



APOLLO CENTER

A MELHOR E MAIS EQUIPADA ACADEMIA DO NORTE-NORDESTE.

Rua Marechal Deodoro, 435 — Telefone: 221-1360
Feira de Santana - Ba.

Crise econômica é barrada no FTC

A atual situação financeira do Feira Tênis Clube é de causar inveja a muitas empresas, diante do quadro adverso da economia do país, onde pouca gente está conseguindo ter resultados satisfatórios no que faz. O clube, segundo presidente Fernando Rebouças, não está devendo a ninguém, ao contrário: tem até dinheiro aplicado em caderneta de poupança.

O montante aplicado não foi revelado, mas parece ser uma boa soma, conclusão que se chega através do comentário feito pelo diretor social, Eduardo Andrade: "os rendimentos obtidos têm ajudado muito as nossas finanças".

"Administrar com os pés no chão", é a fórmula básica dada por Rebouças para se chegar a uma situação privilegiada como esta, lembrando que o essencial é sempre investir, sabendo que vai ter retorno certo, o que diz fazer constantemente. "Se vamos comprar alguma coisa, depois de fazermos uma pesquisa de mercado sobre preços, e do vendedor nos dar a facilidade de financiamento em trinta dias, pegamos o dinheiro e aplicamos em outro negócio durante este período, para que possamos ter rendimento adicional no fim". Mas este tipo de compra só é feito quando interessa ao clube, do contrário, na maioria das vezes, tudo é adquirido à vista, "para conseguirmos desconto".

Dante do balanço patrimonial do Feira Tênis Clube, no último exercício, encerrado em 31 de dezembro de 1982, a sua situação realmente é das melhores. Naquela data o clube estava com débito de apenas Cr\$903.468,76, contra um caixa de Cr\$936.613,36, bancos de Cr\$1.347.469,48, além das aplicações de liquidez imediata, que somavam Cr\$10.000.000,00, contando ainda com título a receber na ordem de Cr\$17.972.199,00.

MELHORAMENTOS

Levando na bagagem todos esses recursos, a diretoria do Tênis vem conseguindo uma excelente expansão física, contando com grande parte de um quarteirão no centro da cidade. Recentemente foram adquiridos dois imóveis vizinhos ao FTC, onde serão construídas as duas obras que marcarão as gestões de Fernando Rebouças: início da construção de um restaurante e o parque infantil. O primeiro servirá para atender aos associados do clube e também a parte externa, se constituindo desta forma em outra fonte de renda. Já a outra obra, considerada por Fernando como seu grande sonho, atenderá a uma grande lacuna que existe em matéria de lazer no Tênis, que é o atendimento ao público infantil. Com inauguração prevista para este 12 de outubro, "Dia da Criança", o parque, que custou cerca de

Cr\$1.700.000, terá onze peças, entre escorregadeiras, balanços, carrossel e labirinto.

Fora estas duas obras, este ano foram recuperados o piso e laterais do ginásio de esportes, pintura geral do clube, construção de uma quadra de tênis de campo — nos moldes profissionais, com custo aproximado de Cr\$3.200.000, — ampliado o salão de jogos — com aquisição de três mesas de ping-pong, sete de snooker (três grandes e quatro menores), três de "totó", compradas cem mesas e 400 cadeiras, além de construir um poço artesiano e feitos melhoramentos nos sanitários e revestimento de azulejo em várias áreas do clube. Atualmente, o Tênis possui um ginásio de esportes, um campo de futebol, uma quadra de tênis de campo, cinco piscinas, um restaurante, além dos salões sociais.



FESTAS

Com a escassez de casas de espetáculos em Feira, o Tênis colabora em muito na movimentação da vida noturna local, trazendo para apresentações em sua sede desde o "Rei" Roberto Carlos até a rebolativa Gretchen, que se apresentou pela segunda vez no último dia 17 de setembro.

Só este ano já foram apresentadas oito atrações, tendo trazido o conjunto The Fivers numa tarde de domingo, alcançando resultado acima do esperado, pois o clube esteve superlotado, comprovando mais uma vez que é um ótimo investimento a contratação de artistas destacados. Para encerrar a parte social do ano, o diretor Eduardo Andrade está anuncian- do para o dia 10 de dezembro — em comemo- ração aos 39 anos de fundação do FTC, que acontece no dia oito — a vinda de Moraes Moreira, acompanhado do conjunto Lordão. Esta será, por certo, uma das grandes festas que o Tênis fará, a exemplo dos shows da "Cor do Som", de Jorge Ben, Erasmo Carlos, Agnaldo Timóteo, Elba Ramalho, Emílio Santiago.

e tantos outros nomes do cenário artístico nacional.

ESPORTE

Depois da parte social, o "quente" do Tênis é o setor esportivo, comandado por Joeldson Sena. O grande feito esportivo do clube é a realização dos Jogos Abertos do Interior, reunindo várias cidades, com a grande maioria dos jogos sendo realizada em suas dependências. Além de fornecer o ginásio de esportes, o FTC se preocupa ainda com a preparação dos atletas feirenses, que são todos do clube, tendo conseguido a quase totalidade das premiações em todos os Jogos Abertos já realizados.

E a semente para colher os bons frutos são plantadas desde cedo, com a instituição das chamadas "escolinhas", que são na realidade as selecionadoras de novos valores. Existem "escolinhas" de basquete, vôlei e natação, onde os associados mirins têm oportunidade de manter os primeiros contatos no esporte preferido, podendo muito bem chegar até a seleção principal, que representa Feira não só nos Jogos Abertos, mas também em outras competições, como o Campeonato Baiano de Basquete, onde só o FTC representa Feira.

Na parte interna, constantemente são realizadas competições em todas as modalidades. Há pouco tempo foi iniciado o campeonato de futebol de campo, com a participação de cerca de dez equipes, que teve como campeão do Torneio Início a Extimak.

Além disso, a quadra de tênis está sendo palco da II Copa Sucomel de Tênis, envolvendo perto de cem tenistas, de Feira e também de outras cidades.

Com cerca de 12 mil associados, entre homens e mulheres, o clube oferece emprego direto a 40 pessoas, além de em épocas de festa chegar a contratar serviços extras de cem profissionais, como é o caso da micareta. Para manutenção mensal do clube, entre folha de pagamento e conservação, são gastos em torno de Cr\$5,5 milhões.

Sob a presidência de Hermínio Santos, os fundadores do Feira Tênis Clube foram as seguintes pessoas: Hamilton Cohim, Célio Mousinho, Quintos Café, Ideval Alves, Newton da Costa Falcão, Cícero Carvalho, Jairo Cavalcanti, Antônio Guerra, Humberto Portela, Antônio de Oliveira Matos, Tito Machado, Francisco Góes, Florisvaldo de Albuquerque, Áureo Filho, Adroaldo Góes, Manoel de Azevedo, Antônio Rosas, Carlos Rubim Bahia, Humberto Alencar, Osvaldo Brito, Osvaldo Boaventura, Alexandre Falcão e Isaías Mendes.



A Eticola é dessas empresas que vivem apostando no crescimento dos seus clientes. Procurando dar sempre um bom atendimento, a Eticola tem sempre um contato colado à sua empresa para qualquer necessidade. Toda vez que você tiver uma boa idéia, converse com a Eticola.

**ETICOLA.
ADERINDO
AS BOAS IDÉIAS
DA SUA EMPRESA.**

Passa para dentro de casa, menina! Tá parecendo moleque-macho jogando bola no meio da rua. Vem brincar de boneca! — era geralmente assim que as mães, até bem pouco tempo atrás, reagiam quando pegavam suas filhas no meio dos moleques a jogar bola, driblando, chutando, enfim fazendo tudo que um menino diz ser seu direito de homem.

raras são as meninas que nunca sentiram vontade de dar um chutão numa bola, mas não se arriscavam a fazê-lo, com medo da repreensão que por certo viria imediato. Os tempos mudaram e hoje embora a menina não tenha deixado de lado a boneca, já tem liberdade de pegar uma bola e não apenas dar um chutão, sentindo-se totalmente familiarizada com ela, batendo "pontinho", matando nos peitos e dando "nó" em muita gente boa, que dizia ser o futebol esporte só para homens. Muitos destes, com certeza, se arrependeram de ter dito tal coisa depois de levar um "passeio" de uma jogadora. Agora eles sabem que só poderão pará-las usando a força.

O futebol deixou de ser privilégio dos homens, surge a febre do futebol feminino, ganhando adesão de todos, encantados em ver mulheres dando show em campo. Também começam a aparecer novos ídolos. Quem não conhece ou já ouviu falar em Dalvinha, Maria Helena Nova, Solange, Flor-de-Liz, e tantas outras que já roubam boa fatia do futebol praticado pelos homens, o profissional(?)

Dentro da nova onda, em Feira de Santana temos um time com muita fama não só na Bahia, como também nacionalmente. Um dos pioneiros desta inovação. Trata-se do Flamengo, que nasceu em 2 de julho de 1981, numa idéia do seu atual treinador, Expedito Martins, que procurou Edmilson Amorim, o conhecido "Michelinho", que até essa data só lidava com futebol de homens. Recém-formada, a equipe estreou muito mal, levando uma goleada de 6 a 0, do América, em Salvador. Mas aquilo foi só o início, pois o rubro-negro cresceu bastante e já ganhou várias vezes conotações nacionais.

Recentemente, o rubro-negro participou da I Copa Baiana de Futebol Feminino, quando conseguiu ser campeão do interior e partiu para a finalíssima com o Bahiano de Tênis, que afinal foi o vencedor depois de três jogos, com os primeiros terminando empatados, vivendo-se um verdadeiro clima de grandes decisões.

Mais um drible das mulheres

37 MULHERES

Sob o comando geral de Michelinho e Expedito, atuam 37 mulheres, que treinam quase que diariamente, sendo algumas atletas de Salvador, como é o caso de Dalvinha, Silvinha, Marília, Vilma e Lucinha. Da equipe criada há dois anos nenhuma jogadora está no atual plantel, isto porque, segundo "Michelinho", acharam o esporte muito violento. Mas enquanto essas desistiram, as demais não se importam se levam pancada ou não: estão ali para jogar, dê no que der. Também não existe entre as atuais jogadoras rubro-negras nenhum tipo de

preconceito, nem mesmo de idade, tendo a atleta mais velha 35 anos e a mais nova 16 — Marília e Solange, respectivamente — que formam a zaga do Flamengo, exatamente as duas que pegam a barra mais pesada. A equipe base é formada por Rosângela, Lina, Marília, Solange e Neuma; Lucinha, Railda e Ivonete; Silvinha, Vilma e Dalvinha. Uma peculiaridade do time: todas são solteiras.

FORÇA DE VONTADE

Como se trata ainda de um esporte amador, as jogadoras não ganham nada para atuar. Todas vão na base da "força de vontade", muito propalada entre elas, que enfrentam batente duro, tendo que conciliar a vida normal de uma mulher com o futebol, pois quase que diariamente treinam física. E o trabalho que elas fazem quase não difere dos homens, conforme frisou o professor Admilson Santos, responsável pelo preparo das atletas. Ele salienta que a única diferença é a carga de trabalho.

PRECONCEITO

Embora a participação das mulheres no futebol esteja quase familiarizada, não são raras as vezes que as meninas ouvem insultos, pois existem várias que têm o porte físico muito assemelhado com o do homem. E o presidente do Flamengo afirma que encontra preconceito mais na parte dos pais, que temem ver suas filhas masculinizadas, tanto no corpo como nas atitudes, o que para "Michelinho" não existe.

As jogadoras treinam quase todos os dias.



Com a realização da Copa Baiana de Futebol Feminino, o interesse por esta atividade cresceu bastante, a ponto de começarem a surgir notícias de grandes negociações entre as equipes. Quanto a isso, "Michelinho" acha que o futebol feminino não pode incorrer nesses erros e nem também ser profissionalizado, pelo menos por enquanto, "pois isto acabaria na sua destruição. Tomemos por exemplo os times masculinos que vivem capengando por aí. O futebol feminino serve como atração, pois é coisa nova. Profissionalismo só depois".

O certo mesmo é que a participação das mulheres está ganhando cada vez mais força — na última competição as arrecadações chegaram perto de Cr\$1,5 milhão nas finais, mesmo cobrando Cr\$200 mais barato. O público já está se acostumando a ver as meninas se exibindo, "desmarchando" defesas, fazendo a alegria da galera.

"Zico da Bahia"

Guardando-se as devidas proporções, se os últimos treinadores da Seleção Brasileira tivessem visto Dalvinha jogando, por certo teriam encontrado a solução para o grande problema que vem afligindo o plantel brasileiro, que é a falta de bons pontas, daqueles que vão para cima do adversário, driblam, cruzam e ainda conseguem marcar gols. "Zé da Galera" — personagem criado e vivido por Jô Soares na tv — não mais precisaria pedir "põe ponta na Seleção, Parreira"; o problema já estaria resolvido.

Agil, leve, de fácil deslocamento, grande poder de drible, assim pode-se caracterizar Dalvinha, a ponta-esquerda do Flamengo, artilheira do time, que já passou por várias equipes, indo até o Rio de Janeiro, onde atuou pelo Radar.

Para Dalvinha, jogar pelo Flamengo é preciso muita dedicação, pois ela se desloca diariamente de Salvador até aqui para treinar, o que lhe obriga a ter que abandonar o emprego num escritório da capital, mesmo dizendo que não recebe pagamento do time feirense. A ponta-esquerda diz ter grande amor pelo rubro-negro, tanto que já rejeitou muitas propostas das equipes de Salvador, inclusive do Baiano de Tênis, considerado a grande força da Bahia, que lhe ofereceu remuneração.

O futebol está em tudo que Dalvinha faz. Desde pequena está acostumada com ele, pois seu pai, "Corró", era goleiro do Bahia, nos tempos do Campo da Graça. Ele lhe dava muito apoio, mas sua mãe ainda não se acostumou com a ideia, e vive pedindo a Dalvinha que pare de jogar. Ainda em sua família teve um irmão que foi chamado pelo Vitória, mas não quis deixar o emprego, além de ser prima de outra grande estrela do futebol feminino, a Maria Helena Nova, que atua pelo Baiano. Por desentendimento durante treinamentos, as duas primas não afinam muito bem. E a briga chega a ser feia: Dalvinha teve oportunidade de ir jogar nos Estados Unidos, pelo Radar, porém quando telefonaram para sua casa, "Maria Helena disse que eu estava com um problema nas pernas e que ela poderia ir em meu lugar. Mas acontece que na época *ela* teve hepatite e não pôde ir. Pagou a sujeira que fez comigo", conta Dalvinha.

NO RIO

Gracias a uma reportagem feita pela Rede Globo de Televisão, no programa "Globo Esporte", quando a jogadora foi considerada a "Zico da Bahia", Dalvinha foi chamada pelo Radar, do Rio de Janeiro, para ir treinar lá. No primeiro treino, na equipe reserva, fez "miserias" e logo tomou a posição de titular. Durante dois meses no time carioca, Dalvinha jogou no Serra Dourada, junto com Silvinha, que marcou o gol da vitória sobre o Goiânia. Atuando contra o Corinthians, no Rio, Silvinha voltou a marcar e Dalvinha também deixou o seu gol na vitória de 3 a 1. Mesmo achando proposta salarial de Cr\$100 mil, mais Cr\$130 de gratificação, ainda com direito a hospedagem, a ponta preferiu conviver com seus familiares e voltou para a Bahia.

Para Dalvinha, futebol é um esporte normal e pode ser praticado por qualquer mulher. Considera, por outro lado, o handebol um esporte bem mais perigoso.

E não é somente contra mulher que Dalvinha está acostumada a jogar. Logo quando veio para o Flamengo, seu primeiro treino, na Vila Olímpica, foi contra um time masculino. Na primeira investida da ponta, deixou o lateral a "ver navios". Inconformado, o zagueiro aplicou-lhe uma "rasteira" que lhe deixou um sinal na perna até hoje. Em outra oportunidade, desta feita no futebol de salão, atuando pelo Flamengo, Dalvinha fez das suas e deixou um gol, embora sua equipe tenha sido derrotada por 2 a 1.

Mesmo não recebendo nada em troca, a não ser a gratificação de ver seu nome brilhando após cada jogo, Dalvinha, como as demais jogadoras, só está praticando o futebol porque realmente gosta. A inflação ainda não conseguiu atingir este setor, e, por isso mesmo, vemos que tudo que é feito por elas é com amor. Sabe-se que ainda falta muita coisa ao futebol feminino, mas a ideia está firme, basta apenas que não comece a aparecer gente com outros "interesses" maiores. Deixem as meninas jogando, dando a alegria, que muitas vezes está deixando o futebol praticado por homens, cheio de mutretagens e os "zebrões" da vida.



Dalvinha é uma ponta dribladora e ágil.



CONFECÇÕES EM GERAL USE O NOSSO CREDIÁRIO

LOJA 1 — Atacado
Rua Mons. Tertuliano Carneiro, 224
Tel. 221-1699

LOJA 2
Praça Bernardino Bahia
(esquina com a Sales Barbosa)

LOJA 3
Bernardino Bahia
(esquina com a av. Sr. dos Passos)

VENDAS
EM
ATACADO
E VAREJO

Alimentos
Bebidas
Bomboniere
Conservas
Gorduras
Medicamentos
Perfumaria
Utilidades

Rua Visconde do Rio Branco, 288
Fones: 221-4348 e 221-4795



PANORAMA

Bahia Artes Gráficas - Ano 1 - Nº 3
15 de Outubro de 1983 - Cr \$800,00



Viva o século XVIII em Cachoeira

NEWTON FALCÃO:

O último arenista
no poder municipal

SÉRGIO CARNEIRO:

“Seria uma honra governar Feira”

HISTÓRIA:

O polêmico
Lucas da Feira

ESPORTE:

Merrinho,
um craque no Flu.

LUCAS DA FEIRA

*Jânio Régo



ALGUNS DADOS

Lucas Evangelista, era filho de negros géges, e escravo do padre José Alves Franco, que já era falecido quando da sua prisão, em 1848. Sua prisão, ocorrida segundo consta, com a traição do negro Gervásio, foi feita após ter sido baleado dias antes, no braço esquerdo, que foi então amputado e levado à praça pública para ser salgado. Era, segundo alguns caracteres descritos: alto, espadaúdo, corpulento, rosto comprido, nariz chato, barbado, orelhas pequenas.

Condenado a ser morto na força, o foi em 1849, no Campo do Gado, e assim foi descrito o seu enforcamento:

“Depois do trânsito processional em frente do qual seguia a Justiça, o Executando e o Porteiro, que em

altas vozes lia de quando em quando os dizeres da sentença, os sinos a dobrarem, a vítima amortalhada, no pescoço o braço em cuja extremidade segurava o carrasco; os religiosos com suas orações a reconfortarem o paciente, que ia amortalhado de branco; era um quadro tético, repugnante e enternecedor. Ao chegar ao patíbulo, desde o 1º degrau, os religiosos começaram em voz alta a rezar o Credo, que era repetido pela vítima, findo o qual o carrasco precipitou-a, pondo-lhe os pés sobre os ombros, tendo antes a vítima estendido a vista sobre o povo e proferido estas palavras: sei quantos d'entre vós estão contentes de me verem assim acabar; eu peço perdão a Deus, e a todos que me perdoem”.

Num trabalho sobre “O Processo de Independência na Bahia”, a historiadora Zélia Cavalcanti faz a seguinte observação: “(...) Apoiando-se em documentos, os historiadores, preocupados quase exclusivamente com os acontecimentos políticos, limitam-se à descrição de episódios e personagem. Procurando retratar o passado em todos os seus detalhes e em ordem cronológica, essa historiografia, ao reproduzir os documentos, como forma de não fugir à verdade histórica, apenas repete as interpretações subjetivas dos personagens que se envolveram nos acontecimentos”.

Mais que uma simples observação acerca do comportamento historiográfico sobre a Independência no Brasil, trata-se de um roteiro lógico, traçado para quem se dedica à pesquisa histórica, ou até mesmo para o leitor da história, de um modo geral. É a reclamada “visão crítica”, que até recentemente não tinha acolhida nenhuma nas escolas, nas universidades, e nas próprias pesquisas, e está situada dentro do que diz o mestre José Honório Rodrigues: “é preciso reescrever a história do Brasil que sirva aos presentes e aos vivos, que revele a crueza da nossa história, a significação dos vencidos e derrotados, que constituem a grande maioria do povo brasileiro, que denuncie a série de revoltas populares, que aponte para o fato de que nossa história é escrita por mãos brancas, do ponto de vista dos vencedores e dominados, como o conservadorismo da história brasileira defendeu o *status quo* e foi obstáculo à renovação”.

Poucos temas têm sido tratados na História do Brasil com tanta unilateralidade como a Escravidão, suas tentativas de revoltas, suas consequências sociais sentidas hoje na formação do “homo brasiliensis”. É porque sempre foi abordado com aquela visão historiográfica de que fala Zélia Cavalcanti, ou sem os propósitos humanísticos e atuais referidos pelo historiador José Honório Rodrigues. Assim, perdem-se na memória popular ou nos arquivos, os fatos e personagens da história da negritude brasileira. Ou, quando realçados, como é o caso do que queremos tratar aqui, o são da forma já citada, sem “tentar compreender as ações dos homens,

“Vinde a mim os historiadores”.

os móveis que os moveram, os fins que perseguiram, a significação que para eles tinham seus comportamentos e suas ações” (Lucien Goldman).

É indiscutível que a figura de Lucas da Feira ainda não foi inserida dentro desta visão historiográfica que caracteriza-se pela compreensão, pela determinação do significado dos seus comportamentos para a estrutura social vigente. Isso, apesar de ser Lucas da Feira uma das figuras históricas da cidade que mais influenciou. Uma influência que atinge o campo do social, do ideológico, diríamos até. Sim, porque quem poderá negar que “o acelerado e salteador Lucas, que por muitos anos foi o terror dos sertões d'este Estado” é um símbolo do conceito que ainda hoje têm-se, por aí fora, do que seja a cidade de Feira de Santana? É a ausência de um estudo histórico crítico/científico que vem perenizando o entendimento e o “conhecimento” acerca de Lucas da Feira, eternizando-o como o “faccinora”, o “salteador”, o “famigerado bandido”. Aqui e acolá, uma fugaz referência ao sentido da vida de Lucas da Feira como um quilombola como é o caso de Clóvis Moura, citado pelo frei Eduardo Hoornaert no seu estudo sobre o catolicismo brasileiro de 1550 a 1800.

Talvez não se possa afirmar que os atos de Lucas da Feira, durante o período em que formou o que chamam de “quadrilha” (cinco ou seis escravos fugidos), tenham tido o mesmo sentido político/ideológico da rebelião palmarina, em Pernambuco, por exemplo. Certo é, porém, que as causas que impeliram Lucas a se refugiar nas cercanias de Feira e agir de forma “violenta” (mais do que a própria escravidão?) foram as mesmas que impeliram as massas escravas de Pernambuco durante quase um século a se refugiarem nas cidades de Macaco, Sucupira, Osenga, Acotirene, chefiados por líderes negros do porte de Ganga-Zumba, Camoanga e Zumbi. Em ambos a ânsia de liberdade, a insubmissão a uma condição sub-humana. E em ambos também, apesar da distância conológica que os separaram - um no século XIX e outro nos séculos XVI a XVIII, a con-

denação baseada em valores viventes semelhantes, os valores do Brasil escravagista.

No caso de Lucas, apesar de já estarem esmaecidas no século XIX, as cores ideológicas do escravismo, ele foi alvo deste sentimento tanto quanto a rebelião de Palmares em Pernambuco, o quilombo de Orobó e Andaraí, aqui na Bahia, e tantos outros acontecimentos quase sempre relegados a um segundo plano, em função dos interesses do presente. Um exemplo marcante, quando se tem em mãos os documentos mais seguros sobre Lucas da Feira, é o processo jurídico a que foi submetido e que o condenou formalmente a morrer na forca: somente após o governo da Bahia ter posto a cabeça de Lucas a prêmio, é que foi instaurado o inquérito, e quando da prisão de Lucas, denominado um curador, Manoel Pereira de Azevedo, este nunca interpôs nenhum recurso em favor do réu, como era de sua obrigação. Nota-se, portanto, que todo o processo foi pró-forma. Talvez em função disso que já citamos antes: o fato de estar a escravidão nos seus últimos dias. Então, como se poderia condenar, num tempo como aqueles, uma pessoa à forca sem um processo formal? Há uma passagem interessante, no processo, que bem denota isto, e que transcrevemos abaixo:

"Perguntou-lhe se sabe o motivo porque foi preso e o que vem fazer n'este Tribunal?

Respondeu que tendo fugido da companhia do seu senhor há quase dezoito anos e cometido em todo esse tempo algumas ações más (grifo nosso), pelo que tem sido processado pela Justiça, pensa ter sido preso para dar contas do seu procedimento e ser julgado como merece".

É coisa de rir, uma resposta como esta, vindia de um negro inteligente e perspicaz e que conseguiu sempre iludir os seus per-

"Vigário José Tavares
Com o qual me confessei
Só o pecado que eu disse
Foi a moça que matei."

guidores durante o curso de "quase dezoito anos".

Porque então a tentativa, que aos longos dos tempos deu certo, de fazer um julgamento de Lucas à maneira de como eram feitos os julgamentos dos cidadãos livres do Brasil Império?

Não será, portanto, a partir da análise simplista do Processo ou de outros depoimentos de historiadores que escreveram sobre o

fato 50 anos depois, que a história de Lucas deve ser recontada. Mas sim, com a análise profunda, que significa o vivenciamento dos valores que imperavam à época, além da apreensão do sentido da insubmissão de Lucas. Não é de admirar - nem de se acreditar - por exemplo que cinquenta anos após o enfocamento de Lucas, um historiador, recontando sua vida, fizesse alusão ao padre José Alves Franco, a quem pertencia o escravo Lucas, como sendo um generoso religioso que quis dar uma educação toda especial ao escravo, como que para atenuar esta sua condição. Nem de se admirar, portanto, que nenhuma pena tenha sido dada contra o instituto da escravidão, porque esta era componente natural da fisionomia política/econômica/social do Brasil, desde anos após seu descobrimento. Então, na história de Lucas da Feira, a sua fuga, a sua vida de "crimes" e "assaltos" foi decorrência do seu instinto ruim, bestial. Nenhuma referência, à sua condição de escravo como razão de seu comportamento.

Não é casual o fato de ter feito Nina Rodrigues, um estudo sobre o crânio de Lucas da Feira, possivelmente desenterrado do "lado direito da Matriz, externamente", e sobre o qual treinou a sua teoria lombrosiana, apontando as revoltas escravas não como casos

"Adeus Saco do Limão
Lugar aonde nasci,
Eu vim preso para baixo
Levo saudades de ti."

de protesto social "mas fenômeno de criminalidade multitudinária ou, na melhor das hipóteses, de regressão tribal". A propósito, diz o historiador Décio Freitas em seu "Palmares a Guerra dos Escravos".

"(...) A tese fez fortuna tanto mais rápida quanto que legitimava a repressão às revoltas escravas e conferia aos amos um papel historicamente progressista, (grifo nosso), como quando proclama, por exemplo, que com o esmagamento de Palmares se eliminou "a maior ameaça à civilização do futuro povo brasileiro".

É idêntico o panorama historiográfico com relação a Lucas da Feira. Não é à toa que o professor Dr. Alberto Silva, em conferência no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, no recente (sob o ponto de vista da evolução da História) ano de 1949, retoma a tese de Nina Rodrigues sobre as características faciais de Lucas que o apontam como mal por natureza. Ora, poucos anos após uma guerra mundial de caracteres nití-

damente marcados pela discriminação racial, o Instituto Histórico abria-se para ouvir uma conferência embasada em tal tese discriminatória. Que diferença existe

"Estou preso nesta cadeia
Com guardas e sentinelas
Para pagar a honra
De muita moça donzela."

entre a apologia historiográfica da época de Palmares, com esse trecho deste Alberto Silva, sobre a infância de Lucas?

"Desde, porém, a sua
puerícia, Lucas Evangelista, pretinho irrequieto e
malvadinho, mostrou e
demonstrou uma perversidade de instintos que havia
de celebrizá-lo tão tristemente, anos depois. Constantes já as fugas e peraltices e mesmo maldades cometidas por ele nessa quadra, foi preciso que o
padre Franco lhe prendesse
ao pé, certa vez, um ferro de meia arroba, a fim de
contê-lo nas suas frequentes
saídas de casa. Mandando-o
diariamente à tenda do
crioulo João Pereira Batis-
ta, na antiga rua de Baixo,
a apreender o ofício de
carapina, lá não parava, o
irrequieto Lucas, fugindo
a todo momento, arrastando
pelo pé o tal ferro de meia
arroba. Desta maneira,

desaparecendo sempre da
casa do seu Senhor ou da
tenda do seu Mestre, acabou
aquele moleote insolente
e perfido, por não obedecer
à pessoa alguma, vivendo
desde então metido nas
matas a praticar os primeiros
furtos e as primeiras
maldades".

Interessante é ver que o professor Alberto constata um instinto mal em Lucas, deixando passar como perfeitamente normal e humano, pois que nenhum comentário é feito, o comportamento do padre. Os grifos são uma tentativa de realçar o entusiasmo do professor-conferencista do nosso nobre Instituto Histórico em apontar as maldades do menino Lucas, predestinado, segundo ele, por sua indole má, a ser um bandido, assaltante e criminoso.

"Mulatas de bom cabelo
Cabrinhas de boa cor
Creolinhas por debique
Brancas não me escapou."

É dessa forma que está escrita a história de Lucas da Feira: subjetivada. Suja com a visão da história dominante. Porque a quem interessa a análise sociológica perfeita de determinados fatos da nossa história, que mostram o lado da insubmissão ante a situações desagradáveis? A quem interessa escrever uma história que enalteça as virtudes dos que foram vencidos?



* Jânio Rêgo está escrevendo "Gurunga", segundo ele "um texto onciástico que transmuda Lucas da Feira para níveis diferentes no tempo; um texto/espetáculo para ir ao palco". A revista PANORAMA vai iniciar a publicação de Gurunga, em trechos, a partir do número 5. .

MERRINHO

A vontade de voltar ao futebol

Ouvindo o nome Roberto Basílio dos Santos, com certeza você dirá que não conhece ou nunca ouviu falar. Porém, quando falam em "Merrinho", é muito difícil alguém dizer que não sabe quem é. Aquele negro alto e magro, sempre mascando chicletes, com jeito de malandro, muito desinibido, sotaque de carioca e sempre com um sorriso no rosto, a conquistar todos com seu jeito simples de ser amigo, contar estórias e histórias do futebol.

Roberto Basílio dos Santos, ou melhor "Merrinho", 38 anos de idade, conta hoje como foi sua vida, desde os "babas" de Além Paraíba, até os gramados do Maracanã, da Europa e finalmente do Jóia da Princesa, onde jogou por vários anos pelo Fluminense, tendo conseguido conquistar o segundo título estadual do tricolor feirense, em 1969, um ano após sua chegada à esta cidade, junto com "Sapatinho", Messias e outros que formaram o escrete campeão.

O "velho Merro", como sempre lhe chamam afetivamente, chegou no Fluminense e viu sua ascenção até a quase derrota final, quando o time ficou praticamente às esmolas. Ele analisa o Flu campeão e o de hoje, achando que está faltando maior consciência no jogador brasileiro. Para a crise do Flu, acredita que faltou pulso aos dirigentes para sustentar o patrimônio do clube. Atualmente, acredita que o tricolor está no caminho certo.

"Não sou empolgado. A vida já me botou lá em cima e me derrubou também". Assim, Merrinho fala de sua vivência no futebol, onde diz não ter tido sorte para ganhar dinheiro, e mostrando ainda certa dose de mágoa com os "cartolas".

Mas não desiste: atualmente trabalha no escritório da Extimak, do seu amigo Gileno, e está esperando nova oportunidade para trabalhar no futebol, dirigir um clube. De preferência aqui em Feira.



PANORAMA - Porque o apelido "Merrinho"?

MERRINHO - Esse é um apelido que vem de muitos anos, desde quando comecei a jogar no interior do Estado do Rio. Ele é devido ao nome de um pássaro, o Merro, que aqui na Bahia é conhecido como Pássaro Preto. Como minha cor é "loura", me apelidaram de Merrinho.

P - Você é de onde?

M - Sou de Além Paraíba, Estado de Minas, mas nasci no Estado do Rio. Quer dizer, eu nasci no lado de lá e moro no lado de cá. Agora, sou metade baiano e metade mineiro: sou baiano.

P - Como você começou a jogar?

M - Comecei como todo garoto do interior, onde sempre tem um campinho de pelada. Mas, inclusive, o futebol apareceu em minha vida muito depois - eu não era muito amante do futebol; eu via futebol de um ângulo diferente. Quando eu fui estudar no ginásio, e não queria nada com o estudo, inventaram que quem jogasse futebol não tinha a última aula. Eu, por ser moleque mesmo, disse ao diretor que jogava. Mas era horrível, péssimo. Porém, de repente, num fechar de olho, me apareceu a magia de jogar futebol, que é um dom. Comecei a jogar direitinho e pegar gosto pelo negócio, participando de campeonatos do colégio, e com 15 e 16 anos, já estava jogando no juvenil titular.

P - E para chegar até o profissional?

M - Depois eu fui jogar num time de adulto, na idade de 17 a 20, embora tivesse um corpo magrinho. Então o Flamengo do Rio chegou para jogar em minha terra, em 1963, e nesse dia eu só não fiz chover porque o tempo estava bom demais. O Flamengo me levou, onde passei quatro anos até vir aqui para a Bahia.

P - Sempre médio-volante?

M - Não. Eu era ponta-de-lança. É interessante, na minha terrinha não jogava de ponta-de-lança, jogava na frente, o chamado WM,

o 4-2-4. Não tinha esse negócio, quando volta vinham todos e quando atacava também iam todos. Hoje inventaram o 4-3-3, o 4-4 não sei o que; tem até o 4-5 e nada. O difícil é chegar lá, pois os técnicos se fecham mais para garantir o emprego. No Flamengo, fui como ponta-de-lança, mas chegando lá o Valter Miráglia achou que entrava em um novo esquema de jogo, onde o lateral apoiava mais o ataque - inclusive, o Miráglia foi um dos inventores desse estilo no Brasil, ele só não divulgou. Mas o Coutinho, muito inteligente, colocou outro nome e ficou famoso até hoje -. Passei três anos jogando de lateral-direito. Quando fui para o Madureira joguei de meio-de-campo e vim para a Bahia nessa posição.

P - Como foi sua vinda para o Fluminense? Quem lhe trouxe?

M - O seu Valter sempre me deu uma oportunidade muito grande no futebol. Foi ele quem me levou para o Rio. Então, quando ele veio para aqui quis me trazer, mas Flávio Costa gostava muito de mim e não liberou. E veio o Maranhão, do Vasco, em 1967. Depois Maranhão foi para São Paulo e vinha o Jarbas, e mais uma vez Miráglia me indicou; doutor Beto (Alberto Oliveira) foi ao Rio conversar comigo. Ele, muito jeitoso, me levou na conversa, mas eu fiquei meio desconfiado porque falaram em Feira de Santana, interior. Mas quando vim, não foi nada disso, e quando morrer me enterrem aqui mesmo.

P - Você chegou em Feira em 67?

M - Em janeiro de 68. O Fluminense foi jogar no Rio contra o Flamengo, num amistoso na Gávea, e eu joguei um tempo pelo Fluminense. Inclusive, na época, fiquei meio assim, porque eu jogava um pouquinho, mas vi o Chinezinho e o Delorme jogando, e falei: "esses caras jogam demais". Tanto que o Fluminense colocou 2 a 0 rapidinho, e seu Aimoré Moreira, técnico do Fla na época, só conseguiu empatar depois que o Fluminense fez algumas modificações. Eu pensei que não teria lugar para

mim, mas devagar, com um bom ambiente, consegui me entrosar. Tenho certeza que minha vinda foi benéfica.

P - Você chegou em 68 e o Fluminense foi campeão em 69...

M - Em 68, fui eleito pela Rádio Sociedade de Feira o "Craque do Ano". Tenho a medalha até hoje, que guardo com muito carinho. Edmundo de Carvalho fez uma festa muito bonita, quando fui considerado o melhor armeiro do interior. Em 69, fomos campeões; fui seleção do ano, medalha de ouro.

P - Como era o Fluminense campeão?

M - É muito difícil comparar o Fluminense campeão e o de hoje. Naquela época tinha uma retaguarda muito sólida, não que hoje não tenha, mas talvez falte mais tempo para os homens que dirigem o Fluminense agora. O time está pagando bem, mas é preciso uma melhor estrutura e uma melhor maneira de contratar. Nós quando viemos pra cá (eu, Itamar, que não ficou; Sapatão, Messias, numa troca por Onça e Neves. Foi quase um time inteiro do Flamengo) não éramos realmente craques, mas tínhamos cabeça no lugar. Chegamos aqui imbuídos de fazer um bom trabalho. Minha meta não era ficar aqui; pensava em voltar depois para o Rio. Encontramos bons companheiros, como o Delorme, Veraldo, Ubaldo, Chinezinho, e nos unimos. Tinha a chamada concentração; o jogador de hoje não gosta de concentração. Eu talvez tenha sido o único que gostava. Concentração uni muito o jogador. Mesmo depois que eu me casei aqui, sempre ia me concentrar. O Fluminense daquela época era muito unido. Nós gostávamos de mulher, tudo normal, mas na hora certa. Havia também uma caixinha entre os jogadores. Por exemplo, dia de segunda-feira Valter Miráglia dizia: "não quero ver ninguém na concentração". A gente ia para Salvador, e bebíamos lá. Mas terça-feira estava todo mundo no treinamento. O jogador precisa ter consciência.

P - Então está faltando essa consciência no time atual do Fluminense?

M - Não só no Fluminense, mas no futebol brasileiro. A prova está num jogador que é um ídolo nacional, o Sócrates, que diz não precisar de concentração e sai numa véspera de jogo para beber numa boate. É uma coisa errada. Ele está representando o país. Um homem desse é um irresponsável. Bebida com futebol não se combina.

P - Quer dizer que você acha que a diferença entre o Fluminense campeão e o de hoje é uma falta de maior consciência e que exista uma maior integração entre o pessoal do plantel, para que isso influencie dentro de campo?

M - Mas também tem uma diferença de bola incrível (risos). Tem que usar um pouco de máscara. Os meninos que me respeitem... Mas nós, torcedores, temos que nos conscientizar de que hoje é outra época. Esse time do Fluminense é bom, e também acho que o time fez uma boa contratação com esse Juan Celi. Não se iludam, não, é um grande treinador de futebol. É argentino, e os treinadores argentinos são muito habilidosos.

P - Qual o time campeão de 69?

M - Ubirajara, Ubaldo, Sapatão, Mário Braga e Nico; o cinco de ouro, que sou eu - tem que faze: propaganda! -; Delorme e Jurinha; João Daniel, Freitas e Marcos Chinês. Mas nós tínhamos outros bons: Robertinho, Maranhão Gomes, Mundinho, Renato, Noroel, Misael... O time B era consciente do trabalho que o time A fazia, tanto que quando nós íamos jogar em Conquista, por exemplo, o "bicho" era dividido por todos. Isso que é preciso. O Fluminense, na época, pegava o

dinheiro da nossa caixinha para pagar o "bicho", depois nos devolvia.

P - Merrinho, quando você chegou no Fluminense ele estava lá em cima, foi campeão, e você ficou nele até quando decaiu. Você tem condições de avaliar essa fase?

M - O Fluminense sempre teve a condição de ser o maior time da Bahia, pois o seu torcedor é um apaixonado, e tem também vocês da imprensa que sempre deram a maior cobertura. Não basta falar somente em falta de estrutura - muitas vezes falta somente uma pessoa. Eu sou muito do Fluminense da época do doutor Beto - ele tinha muita visão para o negócio, muito habilidoso. Sabia pedir. Quando tínhamos jogo com o Bahia ele ia almoçar conosco na concentração e comia também no bandeijão. Depois de muita conversa, chejava pra gente e pedia: "se for possível, eu sei que vocês vão ganhar mesmo, vençam o Bahia que eu quero gozar do Osório, depois".



"UM TIME TEM QUE TER UM GOLEIRO BONITO"

O que falta ao dirigente de hoje é essa habilidade. É fácil o time entrar em campo, mas é preciso ter uma retaguarda segura. Hoje o Fluminense está no caminho certo para uma reabilitação, está comprando um ônibus, enquanto naquela época ele tinha carro, terreno, e depois perdeu tudo. Não pode. Ficou praticamente mendigando.

P - O que contribuiu para a queda do Fluminense foi a falta de pulso de seus dirigentes?

M - Maior capacidade dos dirigentes. Isso é uma verdade. Futebol é um comércio, e altamente rendoso. Um diretor de futebol, por exemplo, tem que ganhar do clube. O povo fala que Maracajá não sai do Bahia, mas ele não está lá de graça. Negócio de graça não dá. A mesma coisa é o médico: nós temos aqui um bom quadro médico e o Fluminense é atendido por qualquer um, mas é importante que tenha um de plantão em todo treinamento.

P - Você acredita no Fluminense de hoje?

M - É o que eu falei: o Fluminense caminha a passos largos no caminho certo. Hoje nós temos ajuda do doutor José Falcão e do governador João Durval Carneiro, que é Fluminense doente. O time tem que saber contratar. Por exemplo, ele vai disputar a última fase do campeonato agora, tem que trazer uns dois jogadores de impacto. Não é que eles joguem muito, não. O que é que Dario joga? Mas onde chega é festa. É necessário também trazer um goleiro bonito, pois ai as meninas vão ao está-

dio. O futebol é feito disso. O goleiro é uma figura central no jogo. Dizem que goleiro não pode ser feio nem preto.

P - Há pouco tempo você retornou ao Fluminense, como treinador dos juvenis.

M - Eu estava em Volta Redonda quando recebi o convite daqui. Fiquei doido, vim correndo, mas chegando aqui não me foi dada condição de trabalho. Me frustou bastante. Eu vim cheio de ideal, não de ficar famoso, mas de fazer um bom trabalho. Está faltando o bom dirigente.

P - Parece que houve alguma coisa contra você.

M - É difícil você analisar, porque o ser humano é imprevisível. Sempre joguei aberto, limpo, mas existe aquele negócio de preferência. Eu tenho muita preferência por mulher bonita, mas respeito as feias. Eu vivo e deixo os outros viverem. O negócio não ficou bem explicado, mas não interessa saber o motivo, porque quem manda são os homens. Não respeitaram meu lado profissional e fiquei chateado.

P - Você acha que houve preferência por parte de Aldo Quintela por Veraldo Santos?

M - Eu não posso dizer abertamente, mas pode ter sido. Devemos ver também que o Veraldo vinha fazendo um bom trabalho, tanto que classificou o Fluminense para a Taça de Prata. Numa atitude impensada dispensaram o rapaz e voltaram atrás. O Aldo, até prova em contrário, é meu amigo, mas pode ter havido preferência. Ficou um negócio de menino, porque ninguém assumia o ato, num jogo de empurra. Quando a gente está querendo fazer uma coisa por nossa terra, você não consegue, porque não deixam. Nunca dão a chance. O seo Décio Leal chegou para o Fluminense, deram tudo a ele: Hotel Caroá, o dinheiro que ele queria por mês, carro para baixo e para cima, material à vontade. Agora vai a gente pedir uma bola que eles não dão. Não tem milagre no futebol, senão tinha que contratar um pai de santo.

P - O futebol lhe foi ingrato?

M - Não. Tudo é uma questão de sorte. Minhas alegrias foram muito maiores do que as tristezas.

P - Você parou ou pensa em voltar ao futebol?

M - A gente não pode parar. Hoje eu me reencontrei. Tenho vontade de voltar. Está no meu sangue. Estou esperando uma oportunidade.

P - Merrinho, e as passagens interessantes?

M - Têm muitas histórias interessantes na vida da gente. Teve um jogo mesmo na Califórnia que eu dei uma chegada mais violenta no adversário, e o juiz veio falando comigo em inglês, tudo embolado, perguntando se eu queria ser expulso. Como não entendia nada, falei "yes, yes" e ele me mandou para fora. Quando vim entender, já era tarde, e o pessoal fez a maior gozação. As viagens de avião também rendem muito. Recentemente, em 76, nós fomos jogar contra o Botafogo, no Rio. Quando chegamos no avião - a gente já macacava velho - chamamos a aeromoça e pedimos para chamar Ubirajara da Paixão Guedes (Bira, lateral-direito do Leônico), que o pai dele estava no telefone, de Feira de Santana. Quando a moça fez o anúncio, Bira tomou o maior susto e levantou o pescoço, mas o pessoal riu. Ele só não foi atender por isso. Tem outra interessante, de Pinguela. No jogo contra o Fluminense do Rio, o nosso time estava mal no campeonato, e ele foi fazer a preleção: "vocês sabem que a gente precisa cumprir a tabela e quem está na chuva é para se queimar".